

Entrevista

DOI: 10.5965/1984723825572024009

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723825572024009>

Entrevista com:

Attico Chassot

Professor Visitante Sênior da UNIFESSPA
Professor da REAMEC

Concedida à:

Cristiana Callai

Universidade Federal Fluminense – UFF

Attico Chassot: Quase no final desse célere 2023, recebi uma desafiadora mensagem. Olhei agendas e ofertei o meu aceite. Como escrever é uma de minhas paixões, estou nesse bissexto 2024 tentando responder instigantes interrogações aportadas pela colega Cristiana. Ela escreveu:

Cristiana Callai: Prezado Professor Attico Chassot, nas linhas que seguem há algumas perguntas que talvez sirvam como referência para uma conversa, essa entrevista será publicada (2024) no Dossiê Temático ‘*Ciências na educação infantil: desafios à formação de professores*, da Revista Linhas, da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, com o aceite do editor da revista, Prof. Dr. Lourival José Martins Filho. Uma honra indescritível, talvez o que primeiro nos uniu foi o fato de eu morar em Ijuí e estudar na Unijuí no momento do lançamento do seu livro *Alfabetização Científica*. Hoje moro em Niterói/ RJ e sou professora da Universidade Federal Fluminense - UFF. Professor Attico, eu o conheci pelos anos 2000, a partir de sua obra *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*; na época, eu fazia mestrado em Educação nas Ciências na

UNIJUÍ e foi uma grande surpresa me deparar com uma escrita irreverente – foi assim que senti à época –, pois não seguia a ‘forma’ acadêmica, como também pela temática, alfabetização científica.

A. C.: Salve, muito atenciosa Professora Cristiana Callai! Estamos no limiar de conversações, que parecem promissoras. Está difícil começar. Mas esse ‘difícil’ não é porque nos faltem assuntos. É o contrário! Eles sobejam... (Vê que verbo próprio para exibir uma (falsa) erudição quando queremos mostrar sapiência no início de uma conversa!

Cristiana, sempre que referir nesta nossa conversação a dicionário, me refiro (salvo, outra referência) ao **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Atualmente, não consigo escrever meia dúzia de linhas sem consultar um dicionário. Vez ou outra, para uma mesma palavra, busco ratificação em um segundo ou terceiro **amansa burro**. Nunca imaginei que essa feia expressão fosse dicionarizada: *Dicionário Aulete Digital: amansa-burro* s. m || (Bras.) (fam.) dicionário. Também se diz *pai dos burros. Amansar+burro*. Vale referir que os dicionários eletrônicos são facilitadores de nosso processo de escrita. Essa continuada consulta a dicionários é quase impossível em dicionários em suporte papel. Tenho um maravilhoso **Dicionário Houaiss**, com cerca de três mil páginas. Há muitos anos não o manuseio.

Atenção! Não estou fazendo a apologia aos e-books. Ao contrário, prefiro saborosamente livros em suporte papel (= livro físico, em oposição ao e-book= um livro virtual). Dentre os livros físicos, tenho quase quatro mil em minha biblioteca pessoal. Não obstante, também sou um muito encantado usuário do Kindle, em decorrência de sua maravilhosa praticidade. Hoje, operar com um **Dicionário Houaiss** é muito difícil até para trocar de páginas, pelo peso (com cerca de cinco quilos) e pelo volume da obra.

Salve, Cristiana, ainda de tua apresentação, pinço um adjetivo de dois gêneros, que parece primordial ao diálogo que nós dois almejamos tecer para a revista *Linhas: irreverente*. Que não mostra respeito, obediência ou veneração. = *Desrespeitador, desrespeitoso, incivil, irreverencioso ≠ obediente, respeitador, respeitoso,*

reverencioso, reverente 2. Que ou quem se destaca pela rebeldia ou pelo inconformismo (ex.: estilo irreverente; sempre foi uma irreverente, em especial no vestuário). Substituo, na acepção 2, o exemplo **vestuário** irreverente por uma **escrita** irreverente. Afirmando que meu livro *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação* tem **uma escrita irreverente**. Esse livro, hoje em oitava edição, teve o lançamento da primeira edição em julho de 2000 no Encontro Nacional de Ensino de Química, na PUCRS. Ainda, até então, éramos sujeitos muito disciplinares. O livro *Das disciplinas à indisciplina — marco de uma virada ferreteada a começar pelo título* — só foi lançado em 2016. Vê que há muitos anos fujo da disciplinaridade.

Preciso dizer que sou graduado em Química, Mestre em Educação e Doutor em Ciências Humanas (no mestrado e no doutorado os meus objetos de pesquisa foram da área da Química; fiz o Doutorado quando já aposentado, desde 1996, como Professor Titular do Instituto de Química da UFRGS. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul é a minha *Alma Mater*). Quando aluno do curso científico ou ensino médio, por dois anos trabalhei no Restaurante da Reitoria da UFRGS. No estágio pós-doutoral, em 2002, na Universidad Complutense de Madrid, me ative mais à Sociologia da Educação, área em que me sentia menos preparado.

Acerca desta *escrita irreverente* que tu, talvez por primeiro adjetivaste, há um narrar significativo. Antes, eu alerto: *me abandona, agora, a modéstia*. Recordo algo muito comum na minha adolescência: *‘Não fica te exibindo!’*. Resolvo não ouvir a recomendação antes evocada: *Vou me exibir!* Mas, antes faço uma interrogação: se qualquer um de nós — enquanto professor — solicitasse um texto para alunos e um deles cumprisse a tarefa apresentando um texto com excelente conteúdo, mas quanto à forma entregasse algo escrito em um estilo saramaguiano, qual seria nossa avaliação? Eu antecipo: se eu fosse avaliador, viveria uma situação muito difícil! Não raro uma leitora anuncia: *Professor! quando eu lhe escuto em uma aula ou em uma palestra parece que eu estou lhe lendo*. Por outro lado, um leitor ora me afirma: *Mestre! quando eu estou te lendo parece que eu estou te ouvindo em uma aula ou em uma palestra*. Alguém já diagnosticou — não posso deixar de adjetivar como muito pretenciosa a informação que segue — uma possível existência

de **uma maneira chassotiana de escrever Ciência**. Isso posto, está de maneira tênue justificado o meu exibicionismo. Poderia, aqui e agora, referir mais de uma edição do bem sucedido seminário: *A arte de escrever Ciência com Arte*. Designar-se pretensioso e/ou intimista parece também **não** caber em um artigo científico. Conteí o milagre e esqueci de referir o santo! Fa-lo-ei agora! (Gosto de mesóclises... mesmo que tenham um tom pernóstico). Quando quero justificar só ter orientado nove doutores, digo que isso é decorrência de ter feito meu doutoramento já estando aposentado, ou seja, só então, ingressei na seleta categoria de professor de Programas de pós-graduação. E como explicar só ter acompanhado apenas um estágio de pós-doutoramento? Destaco: o Professor Daniel Aldo Soares (Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária e Doutor em Educação) é comigo coautor, entre muitos fazeres, entre os 15 encontros do seminário: *A arte de escrever Ciência com Arte* e compartilhou a sala de aula deste mentefato cultural. Ele significa para mim alguns pós-docs.

Mas, como o propósito deste nosso texto é, também, narrar histórias, há um evento muito apagado no meu ser professor de Química que mesmo que já tenha quase meio século, é quase inenarrável: *em 1979, fui um dos vencedores de um concurso de literatura infantil patrocinado pelo Correio de Povo e Grupo Habitasul*. Na minha historieta *Uma viagem à Lua*, dois meninos constroem uma pandorga com a qual vão à lua. Há dias, relendo o texto para duas crianças da Educação Infantil me senti gratificado pois mais que um professor de Química eu já soube ser então, um Professor de Ciências.

Vê que parece que já vencemos a síndrome do desvirginar a folha em branco. Já temos um bom começo para nosso **diálogo intergeracional** para a Revista **Linhas!**

Atenciosa Cristiana, acolho mais uma de tuas sumarentas perguntas:

C. C.: Tenho curiosidade em saber o que levou o senhor a pesquisar a alfabetização científica em um momento que essa discussão era restrita a cursos de exatas. Ainda com relação ao livro 'Alfabetização científica', quais os princípios defendidos para a ciência como um saber escolar?

A. C.: No *Dicionário Crítico da Educação*, sou autor do verbete: **Saber científico / Saber escolar / Saber primevo** (Chassot, 2014, p. 243-247). Nesse verbete se discute cada um dos três saberes e como se dão as inter-relações entre eles, e como se faz a hierarquização dos mesmos. Neste diálogo parece importante ressaltar o significado do termo **primevo**. A utilização do termo primevo é uma outra maneira (de um novo modo) que utilizo para nomear os saberes populares: não nos referir aos saberes dos primeiros tempos, ou saber inicial ou ainda ou saberes populares ou saberes (dos povos) ancestrais ou mesmo o saber primeiro, também podendo se referir a saberes da tradição, etnossaberes ou mesmo etnociência. O termo primevo parece que qualifica mais que saberes primitivos.

Uma das linhas de pesquisa que me envolve pode ser descrita por um problema de pesquisa genérico: *Como buscar, em diferentes lócus, saberes primevos e fazê-los saberes escolares?* Existem vários problemas específicos (preservação de saberes relativos a sementes caipiras, desidratação de frutos, conservação de alimentos, fontes alternativas de energia, saberes relacionados com o curar etc. Alicerçados no problema genérico, resultaram na produção de artigos e de capítulos de livro, apresentação de trabalhos em eventos e minicursos e, mais especificamente, em dissertações de mestrados e teses doutorais.

Vejamos mais um questionamento da mãe e professora Cristiana:

C. C.: Com relação à formação de professores em cursos de licenciaturas, destaco cursos de Pedagogia, para trabalhar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, percebo que ainda há resistência em desenvolver experiências científicas com a palavra mundo das crianças no cotidiano escolar. Em sua análise, em que podemos avançar?

A. C.: Esta questão é por demais (im)pertinente. Por primeiro, não diferencio quanto às exigências e quanto às necessidades de formação de professores os cursos de licenciaturas e os cursos de Pedagogia. Falta nos currículos de formação de professores para os nove anos do ensino fundamental uma *licenciatura em Ciências da Natureza* (não apenas formada por Biologia, Física, Química, Matemática... mas também Geologia, Astronomia, Astrologia, Música, Filosofia e História). Essa proposta parece fantasiosa, por

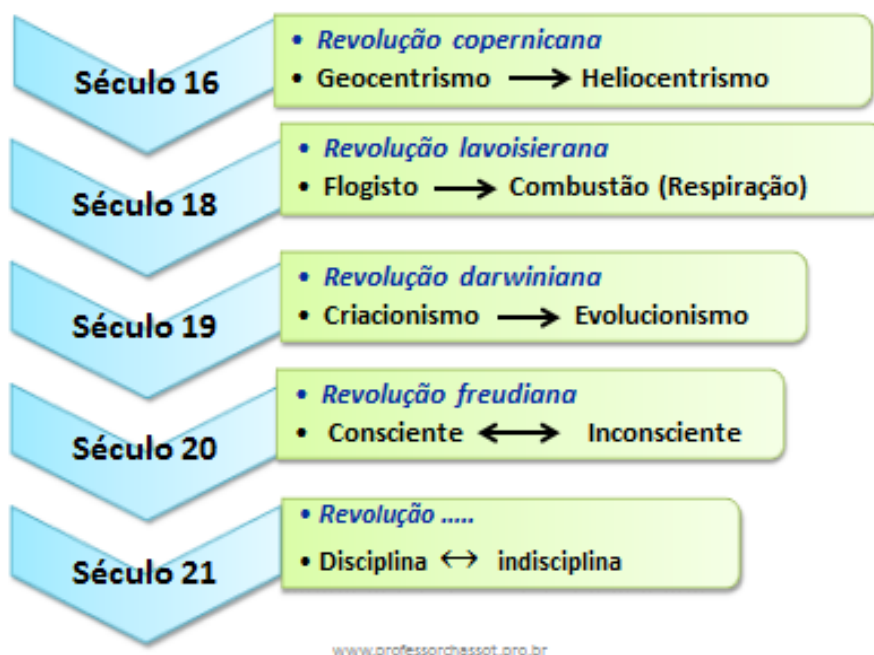
que não achá-la, inclusive maluca? O entrave **não** está nas instituições formadoras de professores (nas universidades ou nos institutos federais). O "**empecilho**" (= Pessoa ou coisa que empece, estorva ou atrapalha. = Embaraço, estorvo, impedimento, obstáculo). **Quem é o estorvo? resposta: A sociedade nacional.** Não me referi à Sociedade Brasileira. Sociedades que impedem a Educação estão presentes em muitos países, inclusive naqueles que nos são propostos como idílicos (por exemplo, Estados Unidos). A maioria dos candidatos a postos eletivos (em qualquer das esferas: desde o Presidente da República do Jardim do Éden até o Vereador de Cacimbinha), no período eleitoral, prometem mundos e fundos; quando eleitos dilapidam as Escolas. Há uma única solução: **cumprir o prometido.**

Cristiana, deixo sem resposta o teu pedido:

C. C.: Gostaria que resgatasse uma breve história da ciência até o momento.

A. C.: Tenho um livro publicado em uma primeira edição em 1994. Desde então teve sucessivas edições até 2023, quando houve um distrato da editora. Por ora, se prepara nova edição em outra editora. Em *das disciplinas à indisciplina* há um capítulo: 4.- *Acerca de cinco rupturas paradigmáticas cruciais*. Para não deixar totalmente sem resposta, trago um diagrama-síntese do capítulo 4:

Algumas significativas rupturas paradigmáticas...



Neste diagrama, temos uma (quase) síntese da história da construção (disciplinar) do conhecimento no Ocidente; temos também as marcas de um embate que a cada momento está presente em nosso cotidiano: *especialista* versus *generalista*. É evidente que mesmo aceitando que conhecimento cresce (ultrapassa fronteira) nas ações dos especialistas, aqui estaremos privilegiando a trazida de concepções generalistas.

Em *Sete escritos sobre Educação e Ciências* (Chassot, 2008 p. 93-140) há um capítulo no qual se fez uma leitura da história da construção do conhecimento destacando as três primeiras (na ordem de citação acima) das mais significativas revoluções paradigmáticas da Ciência Moderna.

Apresento mais um dos interrogantes da mãe de Isis:

C. C.: Eu percebo uma linguagem científica em minha filha com seis anos, que faz experimentos em casa e diz: ‘eu vou inventar uma nova cor’, momento em que reúne diferentes cores de tinta guache, em tentativas e erros, buscando aproximações com as

cores imaginadas. Minha filha assiste a desenhos animados como ‘Sid o Cientista’ ou ‘O Show da Luna’. O senhor tem observado essa alfabetização científica a partir de desenhos animados?

A. C.: Esse questionamento é complexo. Divido minhas tentativas de resposta em duas partes. A primeira: narro frustrações. Na segunda parte, conto orgulhoso uma produção.

A primeira: não conheço as séries infantis como *Sid o Cientista* ou *O Show da Luna*. Ante teu aceno, o Professor Google mostrou-me flashes. Não recebi informações para que possa opinar se esses desenhos infantis colaboram na produção de uma alfabetização científica. Por ora, não posso olhar os desenhos mais extensamente. Se tivesse que sugerir ações a professores desde a Educação Infantil até doutorandos, este conselho seria o mesmo: que **estimulem a curiosidade!** A leitura é um elixir facilitador da curiosidade. Minha geração ouviu muitas vezes: **Guri, não seja curioso!** Hoje, a toda hora, lembro a filhos e netos, a alunos, a mestrandos e a doutorandos **Seja curiosa! Seja curioso!** A pergunta que cabe aqui e agora: como estimular o ser curioso? Vale repetir: A leitura é um especial facilitador da curiosidade. Supera o cinema. A leitura permite ler o mundo real e diferenciá-lo do mundo virtual.

Essa leitura com identificação de dois mundos: aquele de verdade (= o real) e é feito pelas pessoas (=imaginário). O virtual como oposição do mundo real — é muito complexo. Estou imaginando a Isis encontrando um ninho de passarinho vazio.

Quando da infância de meus filhos, a um deles a escola solicitou desenhar uma cena doméstica do cotidiano de seu pai, para um cartão de celebração do ‘dia dos pais’. Opção desenhada: **o pai em uma rede com um livro lendo**. Hoje, o meu ser **homo lector** subsiste e até se agranda, se comparado com leitor desenhado. Tenho um cartaz na minha biblioteca com uma frase do poeta pantaneiro Manoel de Barros (1916 — 2014): **a rede é a vasilha de dormir mais parecida com útero materno**. Agora, com meus 84 anos, a rede está aposentada, nesta etapa da vida em vivemos a chamada *melhoridade*; isso parece uma piada mentirosa. Mesmo que a rede me seja de difícil acesso à leitura é um **perpetuum mobile** no meu cotidiano. Conteí muitas histórias para adoçar a infância de meu quarteto (Bernardo, André, Ana Lúcia e Clarissa). Esses quatro me fizeram avô de

quatro meninas e de quatro meninos. Nesse grupo familiar de 12 pessoas, os livros não são os artefatos culturais mais apreciados. Um filho e uma neta se dizem leitores. Para os outros dez sou vencido pela internet fragorosamente: estes nunca ouviram um narrar historinhas contada por um avô sonhador. Não aconteceu o sonhado avonado com a prevenção de um avô contando historinhas.

Na segunda parte, como já anunciei, vou trazer um relato, uma produção que me faz orgulhoso: No dia 7 de dezembro de 2023, participei da defesa de uma tese doutoral (talvez uma das últimas atividades acadêmicas deste meu 63º ano letivo, no qual me faço neo-aposentando). Então, Robson Vinicius Cordeiro, professor e filósofo, apresentou no Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências e Matemática Educimat do IFES, Campus de Vitória-ES a tese *História e filosofia da ciência nos anos iniciais do ensino fundamental: (des)construções e análises de práticas, pedagógicas no contexto da alfabetização científica e linguística*, com Orientador: Prof. Dr. Antonio Donizetti Sgarbi e Co-orientador: Prof. Dr. Attico Inacio Chassot.

Eis o que é significativo no trabalho capixaba com as tuas questões neste nosso diálogo, Cristiana; o produto da tese do Robson foi uma coleção de três livros infantis que abordam temas da História e Filosofia da Ciência, a fim de contribuir com os processos de alfabetização científica e linguística. Os livros *Izabel, meninas fazem ciência!?*, *“Izabel, no Brasil há mulheres cientistas!”* e *Izabel, tem ciência no céu!?*. Os dados do estudo foram produzidos e coletados mediante interações ativas de duas turmas de 1º ano (crianças de 6 e 7 anos) e duas turmas de 2º ano do ensino fundamental (crianças de 7 e 8 anos) e suas professoras responsáveis, na utilização do produto educacional.

Agora, uma outra pergunta da Cristiana:

C. C.: Desde o lançamento da obra em questão *Alfabetização científica*, o senhor percebe em suas pesquisas avanços em uma leitura crítica por parte das crianças em relação ao mundo, como um posicionamento que nos chama, mães, professoras, pesquisadoras a adentrar ao universo científico?

A. C.: Até muito recentemente eu não me envolvia no universo infantil. O conto *Uma viagem à Lua* foi apenas o deleite de um pai contando historinha para os filhos. A minha participação na tese do Robson me levou a um mundo quase mágico.

Tenho uma última pergunta de uma primeira troca de experiências com a mãe de Isis:

C. C.: Essa conversa foi atravessada pelas inquietações de uma mãe e professora, e afirmo que minha filha sensibilizou o meu olhar para as miudezas com um interesse avassalador. Não há mais uma saída de casa em que não paramos diante de uma folha caída, que é única, e admiramos cor, forma, textura... encontramos um ninho e ali colocamos em cena todos os nossos saberes e hipóteses: ‘quem morava ali?’ O que o senhor diria sobre essa linguagem científica que está escrita na natureza?”

A. C.: Estou imaginando a Isis encontrando um ninho de passarinho vazio. Por que a pombinha foi embora? Ela voltará para o choco? Não faço desta última pergunta uma despedida. Temos que ajudar a pombinha quando ela trouxer alimentos aos filhotes... Nosso dialogar foi apenas início.

Esta minha última pergunta é para ampliar uma recomendação, marcada pelo teu texto: “Se há um fascínio que aprecio no exercício da escrita é essa indefinível atração para transfigurar a vida, expandindo e deslocando fluxos de pensamento, em uma produção existencial e coletiva”. **Sejamos curiosos.** Permita-me ampliar esta recomendação pétrea. Se tiveres a oportunidade de privilegiar uma menina ou um menino, escolha a menina, pois *A ciência é masculina? É, sim senhora!* Estamos combinados, Cristiana! Sou grato por me teres me convidado para este dialogar!

Obrigado!